



# Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. António das Reis — Redacção: Rua Marcos de Portugal, 8 A. — Leiria. Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 158 — Lisboa.

## Epístola encíclica de S. S. Pio XII

### a S. Eminência o sr. Cardinal Patriarca

# e a todos os Prelados Portugueses, no oitavo centenário da fundação e terceiro da restauração de Portugal, sobre o APOSTOLADO MISSIONÁRIO

AO NOSSO AMADO FILHO CARDIAL MANUEL GONÇALVES CE-REJEIRA, PATRIARCA DE LISBOA, E AOS MAIS VENERÁVEIS IRMÃOS, ARCEBISPOS, BISPOS E OUTROS ORDINÁRIOS DE PORTUGAL E DAS SUAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS EM PAZ E COMUNHÃO COM A SÉ APOSTÓLICA

#### PIO PAPA XII

Amado Filho nosso, veneráveis Irmãos, saúde e bênção apostólica

O VIII centenário da Fundação de Portugal e o III da sua Restauração, que a vossa gloriosa e nobre Pátria celebra este ano com tanta solenidade e união de corações, não podiam passar despercebidos à desvelada vigilância desta Sé Apostólica, nem, muito menos, deixar indiferente o Nosso coração de Pai comum dos fiéis.

Temos até um motivo especial para tomar parte nas comemorações da vossa primeira independência, por isso que a Santa Sé, como é sabido, colaborou para lhe dar constituição jurídica.

Os actos, com que os Nossos Predecessores do século XII, Inocência II, Lúcio II e Alexandre III aceitavam a homenagem de vassalagem prestada por Afonso Henriques, Conde e depois Rei de Portugal, e, prometendo-lhe a sua protecção, declaravam a independência de todo o território que a preço de duríssimas lutas tinha valorosamente recuperado do domínio sarraceno, era o prémio altamente ambicionado com que a Sé de Pedro remunerava o generoso povo português pelas suas extraordinárias benemerências em prol da fé católica.

A fé católica, como foi em certo modo a linfa vital, que alimentou a Nação portuguesa desde o berço, assim foi, se não a única, certamente a principal fonte de energia, que elevou a vossa Pátria ao apogeu da sua glória de nação civil e nação missionária, «dilatando a fé e o império» 1. Refere-o a história e os factos o atestam.

Efectivamente quando os filhos de D. João I lhe pediram, que autorizasse a primeira expedição ultramarina, que havia de levar à libertação de Ceuta, o grande e piedoso monarca, antes de mais nada, quis saber deles, se a empresa seria ou não útil ao serviço de Deus.

Como esta, todas as empresas seguintes tiveram igualmente por fim principal a propagação da fé, daquela fé que animara «a Cruzada do Ocidente» e as Ordens militares na épica luta contra o domínio dos Mouros.

Nas caravelas que, arvorando o nível pendão rubricado com a cruz de Cristo, levavam os intrépidos descobridores lusíadas às praias ocidentais da África e das Ilhas adjacentes, navegavam também os Missionários, «para atraírem as nações bárbaras ao

jugo de Cristo», como se exprimia o grande pioneiro da expansão colonial e missionária portuguesa, o infante D. Henrique, o Navegador.

O príncipe dos descobridores portugueses, Vasco da Gama, quando levantava âncoras para iniciar a sua venturosa viagem das Índias, levava consigo dois Padres Trinitários, um dos quais, depois de ter pregado o evangelho com zelo apostólico aos povos da Índia, havia de coroar o seu laborioso apostolado com o martírio.

O sangue deste e doutros heróicos Missionários portugueses foi naquelas remotas paragens, como sempre e em toda a parte o sangue de mártires, semente de cristãos; e os seus luminosos exemplos foram para todo o mundo católico, mas em primeiro lugar para seus generosos compatriotas, chamamento e estímulo ao apostolado missionário.

Viu-se então, — precisamente quando uma série de funestos acontecimentos arrancava grande parte da Europa do grémio da Igreja, que com tanta sabedoria e carinho materno a tinha educado, — viu-se Portugal com a nação irmã, a Espanha, abrir à mística Espósa de Cristo imensas regiões desconhecidas, e trazer ao seu regaço materno, em compensação dos miseramente perdidos, filhos inumeráveis nos vastos continentes de África, Ásia e América. Dioceses e paróquias, seminários e conventos, hospitais e orfanotrófios surgiram e se multiplicaram naquelas terras, a demonstração da perene vitalidade da Igreja católica, pela qual o divino Fundador incessantemente intercede, e na qual o Espírito Paráclito opera incessantemente, mesmo nas horas mais trágicas.

Mas donde veio

«que vós, por muito pouco que seiais, muito façais na santa cristandade?» 2

Donde veio a Portugal a força para abraçar no seu domínio tantas plagas da África e da Ásia, e estendê-lo ainda às terras longínquas da América? Donde, se não daquela ardente fé do Povo Lusitano, cantada pelo seu maior poeta, e da sabedoria cristã dos seus governantes, que fizeram de Portugal um dócil e precioso instrumento nas mãos da Providência, para a realização de obras tão grandiosas e benéficas?

De facto, em quanto os Albuquerque, os Castros e outros varões igualmente assinalados, conscientes da própria responsabilidade, governam com rectidão e prudência as diversas colónias portuguesas, e prestam auxílio e protecção aos zelosos pregoeiros da fé, que grandes monarcas, como D. João III, se empenham em mandar aqueles países, então Portugal impõe-se à admiração do mundo inteiro pela potência do seu império e por sua gigantesca obra civilizadora. Ao contrário, quando a fé declina, quando o zelo missionário esmorece, quan-

do o braço secular, em vez de amparar embaraça, em vez de fomentar, paralisa a vitalidade missionária, principalmente com a supressão das Ordens religiosas, então, logicamente, com a fé e a caridade estiola e definhada toda aquela primavera de bem, que delas nascia e se alimentava.

Um olhar também a estas sombras, Amado Filho Nosso e Veneráveis Irmãos, não deixa de ser proveitoso e presta-se a úteis reflexões.

Mas é no esplendor das vossas incomparáveis glórias missionárias que queremos fixar a vossa atenção neste ano pluricentenário, destinado à evocação histórica dos magníficos factos da vossa inclita Pátria, para que nos vossos corações se mantenha sempre vigoroso o antigo espírito missionário português.

As actuais celebrações centenárias coincidem providencialmente com um período de renascimento espiritual do povo português; e a solene Concordata e o Acórdo missionário há pouco ratificados, regulando as relações e promovendo a colaboração amigável da Igreja e do Estado, garantem tempos ainda melhores.

Por isso a hora actual é particularmente propícia para dar novo in-

Nós por tanto, Amado Filho Nosso e Veneráveis Irmãos, em quanto com a mente e o coração repletos das gloriosas tradições missionárias da Nação Portuguesa, vos apontamos para as muitas almas que nas vossas colónias esperam quem lhes pregue a palavra de Deus e reparta com elas «as insondáveis riquezas de Cristo» 3, repetimos o gesto e a exortação do Divino Redentor aos Apóstolos, dizendo-vos também: «Levantai os olhos e vede os campos que estão já loiros para a messe» 4. «A messe é grande, mas os trabalhadores poucos. Rogai pois ao Senhor da messe que mande trabalhadores para a sua messe» 5.

Os trabalhadores são poucos! As antigas dioceses da África portuguesa sofrem grande escassez de apóstolos; e vastas circunscrições missionárias estão confiadas a poucos operários evangélicos.

Rogai pois ao Senhor da messe! E primeiramente pedi ao Senhor que se digne suscitar muitas vocações missionárias tanto em Portugal como entre os indígenas dos Domínios; e não só vocações de sacerdotes, mas de irmãos Coadjuutores, de Religiosas e de Catequistas.

Os sacerdotes consagrem todos parte das suas orações a esta santa e altíssima intenção; orem sobretudo as Ordens contemplativas, e os fiéis, ao rezarem o terço, tão recomendado por Nossa Senhora da Fátima, não deixem de dirigir uma invocação a Maria SS.ª em favor das vocações missionárias.

Mas não basta: é preciso organizar especiais dias das vocações missionárias, com horas de adoração e sermões apropriados; e isto cada ano, em todas as paróquias, nos colégios ou casas de educação da juventude, nos seminários. Nestes dias aproximem-se todos da sagrada mesa; mas especialmente a juventude alimente-se do pão dos fortes, do «trigo dos escolhidos» 6; para muitos será talvez aquele o momento abençoado e feliz, em que o Senhor lhes fará ouvir a sua chamada.

E quem há-de promover estas santas iniciativas? Primeiro e mais que ninguém o Clero.

Dirigimo-Nos pois ao venerando Clero português, e com todo o ardor do coração o exortamos a alistar-se na União Missionária do Clero. Esta pia associação, abençoada e enriquecida de especialíssimas graças pelos Nossos imediatos Predecessores, e que Nós igualmente abençoamos e recomendamos instantemente, existe já em quasi todos os países católicos, e por toda a parte se demonstra meio efficacíssimo para formar a consciência missionária entre os fiéis.

E nosso vivo desejo que a União Missionária do Clero português, ainda nos seus princípios, se desenvolva rapidamente, pois que é entre os seus

membros, que Nós esperamos encontrar aqueles cultivadores zelosos e experimentados, que com amorosa solicitude saibam escolher e educar as tenras plantas que Cristo Senhor Nosso faz brotar na vinha, para um dia as transplantar para as Missões.

Antes, o Senhor espera dos seus ministros um trabalho ainda mais fundamental: que arroteiem e preparem o terreno para nele poderem germinar as vocações missionárias. Com efeito, é ao sacerdote, — e, como declarava um dia Nosso Predecessor Pio XI de v. m., não devia haver sacerdote que não se sentisse inflamado no amor das Missões 7, — é ao sacerdote que compete em primeiro lugar difundir entre os fiéis o conhecimento do problema missionário e atear nos seus corações o zelo apostólico.

Por isso, a Vós Amado Filho e Veneráveis Irmãos, repetimos as autorizadas palavras do mesmo grande Predecessor Nosso na Encíclica *Reverum Ecclesiae*: «Procurai fundar entre vós a União Missionária do Clero ou, se já está fundada, incitai-a com vossa autoridade, conselhos, exortações a uma actividade cada vez mais viva» 8.

Primeiro dever da União Missionária do Clero em Portugal será promover e difundir por todos os meios a imprensa missionária. Se não há uma imprensa, que faça conhecer os graves problemas e as urgentíssimas necessidades das Missões, nem o clero, nem, com mais razão, o povo as tomarão a peito.

Por isso de todo o coração abençoamos o Boletim da União Missionária do Clero em Portugal «O Clero e as Missões» a fim de que reviva e reacenda em todos os Padres portugueses a chama do zelo missionário e lhes lembre os seus deveres relativamente à propagação da fé.

Abençoamos também os outros boletins missionários das famílias religiosas, que tanto contribuem para a propagação missionária entre os fiéis, fazemos votos para que produzam frutos cada vez mais abundantes.

Reservamos porém uma bênção especial para os Padres que generosamente se queiram encarregar de uma zelosa propaganda da União Missionária do Clero, para que Deus fecunde a sua actividade. Um verdadeiro zelo das almas inspira-lhes-á certamente mil santas e eficazes indústrias para levarem a efeito o seu bom propósito.

Desejamos ainda que nos seminários se oriente a educação dos candidatos ao sacerdócio de tal maneira, que adquiram uma sólida e profunda consciência missionária, tão apta a robustecer a formação sacerdotal, com vantagem para o futuro exercício do seu ministério, em qualquer posto a que a Providência os destine.

(Continua na 4.ª Pág.)



cremento entre vós ao espírito missionário, a-fim-de que possa emular o ardor dos antigos Missionários portugueses.

Quem, animado de um tal espírito, poderá olhar com indiferença para os quasi dez milhões de almas, que vivem nos domínios portugueses, e que na sua imensa maioria esperam ainda a luz do evangelho?

Que português — digno deste nome — não quererá fazer quanto estiver na sua mão para conservar sempre vivo o que forma, não só uma das mais belas glórias, senão também um dos maiores interesses da sua Pátria?



# Filho és... Pai serás!

— Ena, pai! que bicho! Aquilo é que é monstridade!...

O rapazito não se contivera à vista do enorme paquete resplendente de alvura sobre o azul vivo da baía e sob um sol rutilante, mas uma cotovelada da mãe e um olhar fulminante do pai acalmavam-lhe o entusiasmo. Na verdade nenhum dos três se sentia à vontade naquela lancha repleta de gente da alta que ia como eles ao encontro de qualquer pessoa de família ou amiga ou simplesmente visitar o belo transatlântico, recém-ancorado.

Mais uns minutos de avanço, o motor da pequena embarcação cessava de resfolegar; estavam quasi junto do flanco daquele gigante dos mares e de novo o jovem piccoense, que com os pais tinha feito a travessia até à cidade da Horta para aguardar a chegada do irmão «americano», exclamava:

— Lá está ele!... O nosso Pedro... Além... Tal cal cuma no retrato!

De facto — e como que emoldurado — aparecia na vigia dum dos primeiros andares acima da água um rosto todo prazenteiro, largo e enternecido sorriso, e logo um braço que saía acenando jubilosamente.

Mas a passagem para a estreita escadinha e a ascensão até ao primeiro deck foi um caso sério para o bom Sebastião da Calheta e mais ainda para a sr.<sup>a</sup> Francelina a quem o nervoso não atrapalhava menos que os anos e uma certa adiposidade. Quanto ao Sebastiãozinho, se não fosse o receio de mesmo em público, apanhar algum puxão de orelhas. Unha marinhado por ali arriaba que nem o grumete mais expedito.

Como, porém, tudo depressa passa, ei-los nos braços do viajante, lavados em lágrimas de alegria e comção, e os seus tipos e trajos rústicos contrastando com o elegante passageiro atraíam a atenção dos que cercavam o pequeno grupo. Houve naturalmente alguns comentários e a certa altura chegavam distintamente aos ouvidos de Pedro estas palavras:

— Antigos criados, sem dúvida...

Pedro reconheceu a voz e ficou como paralizado. Era a duma rapariga, de origem açoreana como ele, mas de família nobre e riquíssima, que vinha de passeio à Europa. Tinham-se dado muito a bordo, sentindo um e outro que uma grande simpatia os havia de ligar sempre. Uma espécie de cobardia que ele debalde tentava sufocar, não lhe permitia dizer nada nem sequer voltar-se. Mas logo ouvia o pai da jovem sem dúvida designando a sr.<sup>a</sup> Francelina que não despegava de limpar os olhos:

— Foi ama d'ele, talvez...

Então Pedro, num ímpeto que o desafogou do péso que lhe oprimia o peito, tomou a mãe pela mão e, voltando-se, disse em voz alta e firme para que todos ali ouvissem:

— Sr. Comendador... miss Elsa... permitam-me que lhes apresente os meus queridos pais e o meu irmão mais novo.

Seguiu-se um borborinho, de simpatia da maior parte, de despeito de algumas raparigas que rodeavam Elsa, de triunfo de alguns rapazes que passavam por pretendentes da jovem açoreana-americana, ou antes da sua fortuna.

Mas o Comendador avançou de mão estendida para os pais de Pedro e, por fim, abraçou este calorosamente, dizendo:

— Até breve, se Deus quiser. De regresso a Filadélfia, ficaremos aqui algum tempo nos nossos queridos Açores. Creia, meu amigo, que tenho muito gosto em conhecer seus pais e em verificar a nobreza dos seus sentimentos para com eles.

Miss Elsa, que se detivera uns instantes a puzar pela lingua a Sebastião Júnior, despedia-se tam-

bém gentilmente e, enquanto Pedro e a sua gente se sumia na onda de passageiros que desembarcavam, encostava-se pensativa à amurada.

— Isto já não é para si, minha mãe!...

— Credo! Filho!... Que me assustaste!

A sr.<sup>a</sup> Francelina ria toda desvanecida e olhava de relance para a carreira de casitas, ladeando o caminho e junto das quais se encontravam algumas s'nhoras comadres, como quem diz:

— Ninguém se pode gabar de ter um filho como eu!

Atravessando a viçosa relva que lhe dava quasi pelo joelho e lhe amortecia os passos, despercebido mais ainda pelo ouvido já endurecido da mãe, Pedro tirara-lhe das mãos as latas de leite côr de marfim a que a oscilação dera já uma boa camada de nata.

— Para a mãe estar nestes trabalhos, então deixava-me eu ficar na América, sabe? Ou voltava para lá ainda...

Fingia-se zangado, mas ele bem sabia que não pegava.

— Talvez queiras que eu esteja de sala todo o dia, respondia a mãe no mesmo tom. Não que se uma pessoa se põe sem fazer nada, fica tolhidinha de todo... E pensas que eu me não custa ver-te a fazer certas coisas a que já não estavas habituado?...

— Que importa... ia ele a responder.

Mas o irmão corria ao encontro deles com um maço volumoso de cartas e jornais, os volumosos jornais americanos.

— Descansemos aqui, minha mãe? propôs Pedro inquieto para tomar conta da correspondência e começando por dar uns jornais ilustrados ao Sebastiãozinho que logo abalava radiante para os ir mostrar a outros garotos.

O lugar é convidativo: a orla duma mata de incensos e faias do Norte, sobrepujada pelo enorme pico vulcânico que dá o nome à ilha; uma ribeira cantando perto, na frente uma descida quasi a pique para o mar que se funde ao longe, muito ao longe, como o céu... E a hora é de confidências. Pedro, deixando intactas todas as cartas após um breve exame aos sobrescritos, mostra à mãe as saudades e os cuidados que lhe vão na alma.

Elsa, que da França passara à Itália, à Suíça e à Alemanha e que, talvez acima de tudo aborrecida com a caçada que por toda a parte lhe armavam ao dote, nunca esquecera o açoreano, escrevera amiguadas vezes até que, quando rebentara a guerra, o pai o prevenira por telegrama de que regressavam directamente à América. Houvera depois uma correspondência mais espaçada e, agora, nada!

Nada?!... Mas então...

Pedro punha-se de pé e estendia o braço para o caminho.

— Mãe! exclamou. Isto é um sonho... ou estou doído!...

Toda risonha, pelo braço do pai, vestida de branco e com os cabelos loiros presos por um laço da côr do céu, visão radiosa de juventude e de felicidade, Elsa avançava...

Dentro de um mês, numa linda tarde, ficava ajustado o casamento de Pedro e de Elsa. E como o sr. Sebastião da Calheta e a sr.<sup>a</sup> Francelina ainda não estivessem em si da surpresa e se desfizessem em desculpas, nem eles sabiam bem de quê, o Comendador sentenciou no laconismo do seu português americanizado:

— Elsa será feliz: filho extremo-so... bom marido e pai excelente!

M. de F.

# Quem derrotou a França?

A França — a terra do patriotismo, a nação que se orgulhava de ter o melhor exército do mundo — quem a derrotou?

Foram os inimigos de fora que sobre ela caíram com a superioridade esmagadora dos seus aviões, canhões e carros de combate?

Não; a França derrotou-se a si mesma com a imoralidade dos seus costumes. Entregando-se à vida fácil do vício e do prazer, envenenou-se, corrompeu-se, arruinou-se, quasi que se suicidou...

Proclamou-o bem alto o glorioso e católico marechal Pétain, chefe do governo francês, ao explicar ao seu povo as causas da derrota da França.

«Menos fortes que há vinte anos, disse, tínhamos também menos amigos, muito poucos filhos, muito poucas armas, muito poucos aliados. Eis a causa da nossa derrota».

E depois acrescentou:

«Desde a vitória (a de 1918) o espírito de prazer sobrepôs-se ao espírito de sacrifício... Quis-se poupar o esforço. Hoje encontra-se a infelicidade».

O espírito de prazer sobrepôs-se ao espírito de sacrifício e queimou as almas, desdrou os corpos, roubando assim aos franceses aquela tempera, aquela energia, aquêle ardor combativo, aquêle amor patriótico que foram sempre a alma e glória da França.

O espírito de prazer sobrepôs-se ao espírito de sacrifício, e por isso as famílias, recusando-se cobarde e criminosamente a fazer frutificar a árvore da Vida, não tinham filhos ou tinham muito poucos.

O resultado viu-se agora.

Quando a Alemanha lhe veio bater à porta com mais de 6 milhões de soldados, armados até aos dentes, a França, mobilizando dos 19 aos 40 anos, não conseguiu chamar às armas 3 milhões de homens. A França foi derrotada pelo vício e pela corrupção.

E tu, leitor, ainda assistes de braços cruzados à obra de devastação e ruína que a dissolução de costumes opera sinistramente entre nós e no seio das famílias portuguesas?

Salva a tua Pátria, não a deixes perecer!

Sê bom cristão e reza e trabalha para que os outros o sejam também. Auxilia a propagação da doutrina cristã.

Ajuda a Acção Católica!

Inscribe-te nos Cruzados da Fátima, dando todos os meses, ao menos dois tostões, para que aquêles que trabalham na Acção Católica possam ter armas (Imprensa, Rádio, Cinema, etc.) tão boas ou melhores que as usadas pelos inimigos da tua Fé! Não te importam os destinos da Pátria?...

# A voz de Maria Santíssima

Quando se diz: Portugal é pertença de Maria Santíssima, creem os descrentes, e, quantas vezes os crentes, que é um exagero.

Os descrentes que a nossa afirmação é um excesso do nosso entusiástico amor pela Mãe de Deus, e os crentes, enlevados no culto fervoroso de tal invocação da Virgem, que desejariam mais espalhada, pensam que nos contentámos facilmente e que ficámos aquém da verdade.

Não precisamos consultar o Santuário Mariano para identificar a devoção do povo português pela Mãe de Jesus. Basta atravessar Portugal sem saber os nomes das igrejas, ermidas e capelinhas da nossa querida Pátria.

Portugal é o grande altar florido de Nossa Senhora.

De fronteira a fronteira até ao mar, Portugal é turíbulo de incenso e cântico eterno à Virgem!

«Maria...» rezam os corações portugueses.

Por Maria... promete o povo.

Por Maria... sobem ao Céu nas aspirações!...

Portugal em flor cheio de sol e de sonho, de ternura e de doçura é Terra de Santa Maria a oferecer-se ao Criador.

Portugal país cristão, exemplo do Mundo, em quem firma a sua fé? Em Maria.

# Uma professora vítima de úlceras no estômago

18 longos anos de dieta

Devido à fraqueza do seu estômago, uma pobre professora teve de se sujeitar a 18 longos anos de apertada dieta, mas restabeleceu-se de uma maneira assombrosa.

Sofria tanto do estômago que se lhe formaram úlceras, produzindo-lhe hemorragias. Durante seis semanas esteve entre a vida e a morte. Apenas se podia alimentar de peixe e arroz cozidos, sem qualquer tempero. Há cerca de cinco anos tentou comer uma verdadeira refeição, mas esta tentativa custou-lhe três meses de cama. Um dia deliberou principiar a tomar Pastilhas Rennie. Verificou que as dores lhe iam desaparecendo e que já não voltavam, começou a variar de alimentação e já consegue, sem que lhe faça mal, comer peru, «roastbeef» e queijo. Um verdadeiro milagre!

As Pastilhas Digestivas Rennie actuam de três maneiras diferentes: contêm anti-ácidos, que neutralizam a acidez; absorventes, que reduzem os gases; e fermentos, que activam e auxiliam as digestões. Rennie dissolve-se na boca. Os seus componentes entram em actividade imediatamente, pois chegam ao estômago com toda a sua força, que não é diminuída pela água. As Pastilhas Rennie vendem-se em todas as farmácias a Esc. 6000 os pacotes de 25 e Esc. 20000 os de 100.

# VOZ DA FÁTIMA

DESPESA

Transporte ... ..	2.231.368\$34
Franquias, emb. transportes do n.º 214 ... ..	23.549\$82
Papel, composição e impressão do n.º 214 ... ..	4.996\$53
Na Administração ... ..	196\$00

Total ... .. 2.260.110\$69

## Donativos desde 15\$00

- Francisco A. Valério, Vale da Pinta, 50\$00; Alzira Calado, Juncal, 20\$00; Palmira C. Silva, Lisboa, 50\$00; Lourenço Marques; Clarisse A. Carvalho, 50\$00; Leonida Valente, 90\$00; Maria Leão Pontes, 75\$00; Evandra Ferreira, 20\$00; Berta Pestana, 25\$00; Olívia Pinto, 15\$00; Maria P. Baltazar, 50\$; Etevína Mourão, 50\$00; Noémia Barata, 20\$00; Laura Graça, 20\$00; Olinde Dias, 20\$00; Dr. José Alberto Soares, 130\$00; Distribuição na Igreja, 689\$00; Jorge Vareta, Foz do Tua, 20\$00; devota de Angra, 20\$00; devoto por intermédio do Sr. P.º Escobar, 47\$00; Rita Brum, Açores, 20\$00; Manuel C. Homem, Açores, 20\$00; Maria M. Furtado, Angra, 40\$00; Manuel Antunes, S. Paulo, 15\$00; Francisca Patrocínio, S. Paulo, 15\$00; José C. Ourém, Coruche, 15\$00; Bento F. Gomes, Malhada Alta, 15\$00; José M. Rocha, Califórnia, 1 dólar; A. M. Lourenço, Califórnia, 1 dólar; Maria Clara Potes, Évora, 20\$00; Natália Canêdo, Lisboa, 20\$00; António L. Leal, Cadaval, 20\$00; Josefina Manso, Montemor-o-Velho, 20\$00; Alberto Ferreira, Covilhã, 30\$00; Vitorino Coelho, Fátima, 40\$00; João Baptista, Elvas, 20\$00; Maria C. Costa, Bristol, 1 dólar; Ana Lages, Porto, 20\$00; Maria Serpa, Palmela, 15\$00; Rita Martins Prata, Bombarral, 50\$00; Isabel Costa Pereira, Lisboa, 20\$00; Maria de Abreu Lima, Viseu, 20\$00; Maria P. Mesquita, Pico, 50\$00; C. M., Califórnia, 1 dólar; José Amorim Mendes, Braga, 20\$00; Maria Costa Carvalho, Ribalonga, 100\$00; Graçinda Moraes, Lisboa, 20\$00; Júlio A. Cardoso, Lamégo, 20\$00; Júlio A. Cardoso (tio), Lamégo 20\$; Francisco Márques, Agueda, 20\$00; Maria Ribeiro Carvalho, Lisboa, 50\$00; Adelinha M. Guerra, S. Tiago de Bésteiros, 20\$00; Maria Isabel Russo, Cabeco de Vide, 25\$00; José C. Sampaio, Lousada, 20\$00; Maria Pinto de Lima, Porto, 25\$00; Diamantina Raposo, Açores, 20\$00; José Freitas Lima, Mascotelos, 20\$00; Francisco C. Saramago, Beira (Brasil), 50\$00; Nazaré Simões, Moçambique, 1/2 libra; João Calheiros, Porto, 20\$; P.º João E. Lopes, Funchal, 87\$50; Ludovina Miranda, Algueirão, 20\$00; João Espírito Santo, Amoreira, 20\$00.

# STELLA

Grande revista ilustrada de cultura para senhoras e meninas. Colaboração das melhores escritoras portuguesas. Secções de modas, bordados, culinária, etc. Assinatura anual: esc. 25\$70. Redacção e administração: Casa de Nossa Senhora das Dores — Covã da Iria (Fátima)

# Enfim... só!



OS SALTO E AS SOLAS ENFIM cómodos, não encorregam, não dilatam, duram... duram... vão quasi sem fim. ESTÁ FEITA A PROVA. Este número foi visado pela Censura

# PRISÃO DE VENTRE



Ja tem 35 anos? Nesta idade os intestinos principiam a ser preguiçosos. As matérias fecais acumulam-se e daí as dores de cabeça, o reumatismo e outras doenças. A melhor forma de acabar com a prisão de ventre é tomar, diariamente, a pequena dose de Sals Kruschen. Kruschen acaba com a prisão de ventre ao mesmo tempo que limpa todo o organismo.

# 40 mil Missas pelos Cruzados da Fátima

No jornal do mês passado, apresentando a estatística das 40 mil Missas celebradas pelos Cruzados da Fátima, nas diferentes Dioceses do País, deixávamos em branco a Diocese do Funchal (Ilha da Madeira) por não se terem obtido, de lá, informações, a tempo.

Essas informações chegaram agora, e por isso apressamo-nos a dá-las aos nossos leitores da Madeira para que, mais uma vez, considerem as riquezas espirituais que lhes garante a Pia União dos Cruzados da Fátima.

1.450 Missas foram celebradas pelos Cruzados da Fátima na Diocese do Funchal.

Vale a pena ser Cruzado da Fátima...



# Graças de N.ª S.ª da Fátima

## NO CONTINENTE

**D. Maria Agostinho da Rosa** — Juncal, deseja agradecer a cura de sua mãe que estivera em grave perigo de vida. Invocada a protecção de Nossa Senhora, a cura, até ali inutilmente procurada, não se fez esperar.

**D. Deolinda C. dos Santos** — Ilhavo, vem agradecer uma graça particular que recebeu por intercessão de N.ª S.ª da Fátima. Cumpre assim a promessa que fizera.

**Vito José Mergulhão** — Navelim, agradece muito reconhecido a N.ª S.ª da Fátima duas graças particulares que por sua intercessão, lhe foram concedidas do Céu.

**D. Maria dos Anjos Vistas** — Pedro Pinheiro, diz ter alcançado por intercessão de N.ª S.ª da Fátima e de S. Teresinha, uma graça muito importante. Reconhecida, aqui manifesta a sua gratidão.

**D. Fernanda da Conceição C. Costa** — Pôrto, reconhecida, agradece a cura de seu pai que se sentia gravemente doente.

**D. Isolina Ribeiro** — Pôrto, diz: «devedora de muitas graças concedidas por N.ª S.ª da Fátima, a quem costume recorrer sempre nas minhas aflições, venho como prometi, manifestar o meu reconhecimento, para maior glória de Nossa S.ª da Fátima.

**D. Belarmina José da Costa Chaves** — S. Martinho de Mouros, agradece o bom resultado de uma operação motivada pela fractura de dois ossos no braço esquerdo.

**D. Maria Isabel da S. Lópo** — Portalegre, diz: «venho, cheia de reconhecimento, agradecer uma graça que me foi concedida por S. José e Nossa S.ª da Fátima. Prometi fazer uma trezena de Comunhões, ouvir uma missa, dar uma esmola e agradecer na Voz da Fátima o favor, se me fosse concedido.

Estou muito reconhecida porque fui atendida nesse mesmo dia, apesar de o não merecer.»

**D. Maria do Carmo M. Morgado** — Vales de Cardigos, tendo sido operada no ventre, sentiu-se muito mal depois da operação, recendo-se um mau resultado. Recorreu a Nossa S.ª da Fátima e começou logo a sentir-se melhor. Deseja agradecer aqui tal favor, como prometera, ao recorrer a N.ª Senhora.

**D. Adolinda Amélia Serrano** — S. João da Pesqueira, diz: «Como prometi, venho pedir a publicação de uma graça muito importante que, estou certa, alcançei pela intercessão de N.ª S.ª da Fátima.»

**José M. Lourenço J.º** — Albergaria-Paihaça, conforme prometera, vem agradecer a N.ª Senhora uma graça concedida a seu cunhado Manuel da Silva Mota.

**Alfredo Martins do Rio** — Raiz do Monte de Jales, vem, como prometera, agradecer a N.ª S.ª da Fátima a graça de o curar de uma úlcera que tinha no estômago, e que lhe causou terríveis dores, não podendo alimentar-se, dizendo os médicos ser necessário submeter-se a uma operação.

Foi então, que uma pessoa da sua família fez uma Novena a N.ª Senhora da Fátima que se dignou conceder-lhe rápidas melhoras.

**D. Maria Rita Leal** — S.ª Cruz da Trapá, deseja agradecer a Nossa Senhora o ter-lhe alcançado uma graça particular.

**D. Maria de Melo** — Vila do Conde, diz: «tendo recebido uma graça por intermédio de N.ª S.ª da Fátima, e prometteo publicá-la, venho agora cumprir a minha promessa mencionando aqui a concessão do favor.»

**D. Maria dos Prazeres** — Coito do Cima, vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima a cura de sua irmã Conceição. Sofrera, diz, gravemente da garganta, durante 18 meses sem que os remédios aplicados lhe tivessem dado sensíveis melhoras. Com o recurso a N.ª S.ª da Fátima bem depressa obteve a saúde tão desejada.

**D. Alice E. Alves** — Lisboa, diz ter estado paraplégica de um dos seus braços. Invocou em seu favor a protecção de N.ª S.ª da Fátima, e assim obteve a cura que tanto desejava.

**D. Teresa Soares de Almeida** — Grijó, agradece a N.ª S.ª da Fátima a cura de sua sobrinha de 5 anos de idade, que estivera prestes a morrer com uma infecção nos intestinos.

**D. Maria Florentina** — S. Tiago, Mogadouro, vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima a saúde concedida a seu marido, depois de ter estado quatro meses sem se levantar do leito.

A família juntou-se em oração durante uma novena, que foi feita a Nossa Senhora a pedir a cura deste doente. Hoje, graças à protecção do Céu, encontra-se de perfeita saúde.

**D. Maria da C. Mendes Jorge** — Cantanhede, diz: «Venho agradecer a N.ª S.ª da Fátima duas graças que me concedeu. A primeira quando meu marido esteve muito mal motivado por um desastre de camiãoete, os médicos receavam muito que lhe sobreviesse uma meningite. Em tão dolorosa aflicção roguei à Virgem Mãe que me salvasse, e os meus rogos foram ouvidos. A segunda graça foi concedida a um meu filhinho de 6 anos. Tendo-lhe aparecido um carôco no peito e depois de lhe ter feito o tratamento prescrito pelo médico sem tirar resultado, fiz uma novena a N.ª Senhora. Durante os dias da Novena lavei-lhe a parte doente com água de N.ª S.ª da Fátima e passados dias o carôco desapareceu. Já lá vão alguns anos durante os quais se tem sentido sempre bem. Por estas duas graças venho agradecer a tão boa Mãe, rogando-lhe também se digno abençoar o lar da mais humilde de suas filhas.»

**D. Rosa Conceição Silveira** — Foz do Douro, agradece a N.ª S.ª da Fátima uma graça que se dignou alcançar-lhe do Céu.

**Augusto A. Câmara Caxieira** — Pousos, vem agradecer a N.ª S.ª da Fátima uma graça temporal. Encontrando-se completamente tolhido das pernas em virtude dum ataque agudíssimo de reumatismo, depois de, em vão, ter recorrido a todos os meios humanos ao seu alcance, voltou-se para N.ª Senhora da Fátima alcançando por sua maternal bondade a graça que tanto desejava.

**D. Laura Sinda Monteiro de Oliveira** — Coimbra, diz: «Tendo eu feito uma promessa a N.ª S.ª da Fátima, com o fim de obter uma graça espiritual que ardentemente desejava, com a promessa da sua publicação, e tendo-me sido concedida a graça pedida, venho solicitar a sua publicação, para maior honra e glória da Santíssima Virgem e cumprimento deste meu voto.»

**D. Maria da Conceição Alves** — Pôrto, pede a publicação do seguinte: «Meu pai esteve muito doente de bexiga, e os médicos já pouco tempo lhe davam de vida. Recorremos então a N.ª Senhora da Fátima, e o doente começou a tomar durante o dia algumas colheras de água do Santuário, rezando na ocasião algumas Ave-Marias. Com grande espanto dos médicos, meu pai melhorou consideravelmente voltando à sua vida normal.

Agradeço igualmente a cura de minha criadada que se sentia bastante mal de saúde, e que presentemente se encontra bem, depois de recomendar a sua cura a Nossa Senhora da Fátima.»

# Crónica Financeira

O «Diário de Noticias» de 13 de Julho findo publicou um telegrama de Londres que recortei e tenho diante dos olhos, sobre o desenvolvimento que as actuais circunstâncias da Europa tornam possível para o comércio da Inglaterra com Portugal e Espanha. Nesse telegrama vem confirmado tudo quanto aqui dissemos em o nosso último artigo. Se a guerra durar (e tudo levar a crer que durará, infelizmente) o comércio externo português ficará com mercados ilimitados para os produtos nacionais porque tem abertos diante de si as vias terrestres e as marítimas, pode transportar por terra e por mar e portanto pode negociar com uns e outros.

Para os nossos produtos agrícolas abrem-se de novo os antigos mercados britânicos que são os que melhor pagam o que é bom. Os nossos gados do Norte que são dos melhores do mundo, só tiveram preço remunerador enquanto foram procurados pelos negociantes ingleses. Uma junta de bois de boa corpolência chegava facilmente nesse tempo a trinta e seis moedas que em dinheiro de hoje andam por seis contos! Isto há cinquenta anos! Os nossos vinhos de consumo de boa qualidade poderão conquistar agora forte posição no mercado inglês, visto que a França e

a Itália estão impossibilitadas de negociar com a Grã-Bretanha, suas habituais fornecedoras. E se houver da parte das autoridades corporativas a devida vigilância para que se não repitam os actos de criminosa ganância que desacreditaram os nossos vinhos em França e noutros mercados europeus no fim da Grande Guerra, a posição que agora tomarmos poderá manter-se e por duas razões. Primeiro: porque os nossos vinhos de posto, quando bem preparados, são tão bons quando não são melhores, do que os vinhos similares da Espanha, Itália e até da França. Em segundo lugar, porque são mais baratos, devido à modéstia dos nossos salários, que está em proporção com a modéstia da vida portuguesa.

Estas duas razões combinadas tornam muito sólida a posição que agora conquistamos nos mercados estrangeiros, porque a guerra actual vai deixar a Europa e até o mundo, muito empobrecidos e só o barato terá venda.

Tudo leva a crer que os nossos produtos agrícolas atingirão dentro em breve preços altos de que a lavoura bem precisa para se desempenhar e poder viver com o desafogo que bem merece e há muitos anos não tem.

PACHECO DE AMORIM

# A peregrinação

## de Julho, 13

A peregrinação do dia 13 de Julho passado, ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima parece não ter sido menos concorrida que a do dia 13 do mês anterior.

O número de fiéis que se aproximaram da mesa eucarística foi de cerca de sete mil.

Deu particular realce às solenidades comemorativas das aparições a concentração das «Marias dos Sacrários Calvários» e dos «Discípulos de S. João», presidida pelo Senhor Bispo de Viseu.

Desta cidade, vieram, além de vários automóveis, vinte e uma camionetas, com associados e outros peregrinos sob a direcção do rev. dr. Manuel Luís Martins, professor no Seminário diocesano.

Estavam também representadas as secções de Lisboa, Pôrto, Braga, Évora, Lamego e Bragança.

No dia 12 à tarde, realizaram-se duas sessões, sendo uma delas destinada à leitura dos relatórios. Presidiu a ambas o Senhor Bispo de Viseu.

Tiveram também uma reunião os directores diocesanos e locais da Obra.

Na forma do costume, realizou-se a procissão das velas.

Da meia noite às duas horas, o Senhor Bispo de Viseu fez a meditação dos mistérios dolorosos do Rosário, relacionada com a Santíssima Eucaristia.

Em termos incisivos, o apostólico Prelado falou dos Sacrários-Calvários dos nossos dias onde a paixão do Redentor se renova e da necessidade de zelo e reparação.

As seis horas, terminou a cerimónia da adoração com a bênção do Santíssimo, seguindo-se a Missa da comunhão geral.

As nove horas houve Missa cantada, sendo celebrante Monsenhor Manuel Vieira, Cônego da Sé Patriarcal de Lisboa.

Efectuou-se depois uma reunião junto da capela das aparições.

As 10 rezou a sua primeira Missa um sacerdote de Viana do Castelo.

Celebrou a Missa dos doentes o Senhor Dom Rafael da Assunção, Bispo resignatário de Cabo Verde, que deu no fim a bênção individual a 167 doentes inscritos e a bênção geral a todo o povo. Ao Evangelho pregou de novo o Senhor Bispo de Viseu sobre os fins da Obra dos Sacrários-Calvários.

Assistiu a todos os actos oficiais uma numerosa peregrinação de S. Tiago da Guarda (Anção) presidida pelo pároco e acompanhada por alguns seminaristas dessa freguesia, e outra de Vermil-Guimarães cujos cânticos foram muito apreciados.

Estava também presente uma peregrinação de Galvão (Vagos) composta de 95 pessoas sob a direcção do rev. Pároco.

De Santarém vieram 3 camionetas com peregrinos.

Antes da procissão do «Adeus» os três Prelados presentes deram em conjunto a bênção episcopal e benzeram os objectos religiosos adquiridos pelos peregrinos.

No fim da Missa dos doentes, o Senhor Bispo de Leiria, numa pequena alocação feita ao microfone, lembrou a necessidade e a oportunidade de se rezar pela paz e deu conhecimento da resolução colectiva dos venerandos Prelados portugueses de celebrar cada um deles semanalmente uma missa por essa intenção e, especialmente, pela conservação da paz em Portugal.

Visconde de Montello

## FALA UM MÉDICO

### Mulher doente

A sabedoria popular, baseada em observação milenária, ensina-nos que a vida longa não é incompatível com certas doenças crónicas, que tãnt nos afligem.

Segundo afirma o povo, não devemos aspirar a uma saúde perfeita. «A saúde não se quer muito apurada...» — «deixem a galinha com a sua pevide...» — «mulher doente mulher para sempre».

Estes ditados andam correntemente na boca do povo, que, por via de regra, não erra os seus adágios.

Apareceu há pouco um curioso livro, do velho clinico francês doutor Besançon, obra intitulada «Os dias do homem», onde se encontram justificados, por longa experiência médica, aqueles pensamentos populares.

Certas doenças funcionam como espécie de derivativos que ajudam a prolongar a vida.

Quantas vezes uma velha fistula, que deixa de supurar, acarreta doença mais grave que determina a morte do padecente!

O doutor Besançon cita grande número de pessoas que chegaram à extrema velhice, apesar de serem doentes durante dezenas de anos, tais como Voltaire, Newton, Fontenelle, etc.

Afiança o velho clinico que a frugalidade, a sobriedade, a temperança ajudam a manter a saúde, mas não são indispensáveis para se atingirem idades avançadas. E cita pessoas que chegaram aos cem anos, mantendo o vício do álcool, do café e do tabaco. Não me atrevo a aconselhar aos velhos o uso destas substâncias, mas o que é verdade é que aquêle clinico cita pessoas de idade avançada que mantiveram sempre hábitos viciosos.

A maior parte das pessoas idosas têm aumento de tensão arterial, que põe a sua vida em perigo.

É uma vantagem para elles, diz Besançon, soffrerem de certas doenças derivativas, como o eczema, as arias dos rins, as hemorroidas, a asma, a prisão de ventre e mesmo a diabete.

Todas essas moléstias devem ser tratadas com certo cuidado, por médico habituado a conhecer há longo tempo o doente e sua familia.

Só um médico habituado com o temperamento do doente pode saber até que ponto deve ir o tratamento.

Para que um velho possa atingir idade muito avançada, não deve cessar bruscamente os seus hábitos, ainda que pareçam anti-higiênicos; não deve procurar suprimir completamente certas doenças incômodas; e, sobretudo, deve entreter-se com trabalhos espirituais.

Como já tive occasião de dizer num destes artiguinhos, as pessoas que exercitam a intelligência são as que têm maiores probabilidades de longa vida.

P. L.

## TIRAGEM DA Voz da Fátima

NO MÊS DE JULHO

Algorve ...	5.330
Angra ...	19.820
Aveiro ...	6.834
Beja ...	3.548
Braga ...	82.952
Bragança ...	12.081
Coimbra ...	13.670
Évora ...	5.065
Funchal ...	16.147
Guarda ...	20.821
Lamego ...	11.831
Leiria ...	14.464
Lisboa ...	11.935
Portalegre ...	11.016
Pôrto ...	52.839
Vila Real ...	25.346
Viseu ...	9.684
	323.383
Estrangeiro ...	3.373
Diversos ...	15.764
	342.520



# EPÍSTOLA ENCÍCLICA DE SUA SANTIDADE PIO XII

(Continuação da 1.ª pag.)

E se algum deles por benigníssima vontade do Altíssimo se sentisse chamado para as Missões, nem a falta de clero, nem necessidade alguma da diocese deve desanimar-vos ou dissuadir-vos de dar o vosso consentimento; pois que os vossos concidadãos, tendo, por assim dizer, à mão os meios de salvação, estão muito menos longe dela que os infieis... Em tal caso, pois, sofri de boa mente por amor de Cristo e das almas a perda de algum do vosso clero, se perda se deve dizer e não ganho; já que, se vos privardes de algum colaborador e companheiro de vossas fadigas, o Divino Fundador da Igreja supri-lo-á certamente, ou derramando graças mais abundantes sobre a diocese, ou suscitando novas vocações para o sagrado ministério» 9.

Mas o Nosso maior e mais ardente desejo é que à imitação da Arquidiocese de Goa, onde abundam as vocações sacerdotais e religiosas dentre os naturais da terra, assim também as outras circunscrições eclesiais-ticas dos Domínios portugueses, desenvolvendo generosamente a obra já começada, possam dentro em breve um exemplar Clero indígena, e numerosas Irmãs, filhas do mesmo povo, em cujo meio deverão exercer o seu apostolado.

É uma glória de Portugal o ter sempre associado à fortuna da metrópole os povos das terras ultramarinas, procurando elevá-los ao mesmo nível de civilização cristã: Nós contamos com esta louvável tradição para a realização deste que é um dos sonhos mais acalentados pela Igreja nos últimos tempos: a formação do Clero indígena.

Vós, Amado Filho Nosso e Veneráveis Irmãos, fareis da vossa parte todo o possível para que estas esperanças não sejam vãs, mas brevemente se tornem consoladora realidade.

Não basta porém recrutar muitas vocações; é sobretudo preciso educar santos e hábeis missionários.

Tendes em meio de vós, e sem dúvida apreciá-lo condignamente, um monumento insigne da solicitude que merece a esta Sé Apostólica a educação das vocações missionárias, e é a Sociedade Portuguesa das Missões Católicas Ultramarinas, fundada pela providência e energia do Nosso imortal Predecessor, Pio XI de v. m., a qual é para Nós igualmente objecto de especiais cuidados e esperanças.

Nem menor confiança deposita a Santa Sé nas Ordens e nas Congregações religiosas, masculinas e femininas, que em todos os tempos foram e são as oficinas, onde se forma a maior parte dos Missionários. Dumas e doutras esperamos muito e muito esperamos as Missões.

Conhecendo as necessidades espirituais das Possessões Portuguesas, é Nosso desejo vivíssimo, que ao lado das Ordens e Congregações Religiosas, que já se dedicam às Missões, enfileirem outras ainda, e que os Ordinários lhes concedam o seu apoio e favor, para tão urgente e santo fim, de modo que também nestes institutos se multipliquem os operários evangélicos, destinados às Missões das vossas vastas Colónias.

Aos Directores dos Colégios da mencionada Sociedade Missionária, bem como aos Superiores das outras Corporações religiosas queremos patentear o Nosso coração, para que vejamos bem as Nossas preocupações apostólicas e quanto desejamos que as vocações missionárias sejam devidamente cultivadas e sólidamente formadas.

Lembrem-se que ninguém deve encaminhar-se pelas sendas difíceis e heróicas das Missões, se não foi chamado por privilégio singular do Senhor; e do mesmo modo a ninguém se deve permitir que continue por

esse caminho, se não quer corresponder dignamente ao chamamento divino.

O Missionário deve ser homem de Deus, não só por vocação, mas também por doação completa e perpétua de si mesmo. «Com efeito, — ensina a admirável Encíclica *Maximum illud* de Bento XV, de v. m. — é preciso que seja homem de Deus, quem prega a Deus; que odeie o pecado, quem ensina a odiar o pecado. Especialmente entre os infieis, que se movem mais pelo sentimento que pela razão, a fé faz maiores progressos, quando pregada com o exemplo, do que com a palavra» 10.

Trata-se, Amado Filho Nosso e Veneráveis Irmãos, de uma santidade profundamente arraigada na alma, não de uma probidade superficial, que desapareceria ao primeiro contacto com a corrupção do paganismo. Homens, que, na frase de S. Paulo, «têm a aparência da piedade, mas repudiam a sua virtude» 11 de certo que não serão o sal da terra, que cure a corrupção dos costumes pagãos, nem a luz do mundo, que mostre o caminho da salvação aos que jazem nas sombras da morte.

E praza a Deus, que não venham eles próprios a corromper-se miseravelmente, e — pior ainda — a tornar-se mestres de corrupção!

Além disso é preciso que o futuro Missionário receba uma educação completa, tanto científica como pastoral, de modo que possa realmente ser um «sábio arquitecto» 12 do Reino de Deus.

Nem lhe basta uma ampla e profunda ciência teológica; precisa também de conhecer as ciências profanas, particularmente relacionadas com o exercício do seu munus; aliás, se lhe faltam estes conhecimentos sagrados e profanos, o Missionário, guiado unicamente do seu zelo, arrisca-se a edificar sobre areia.

Portanto à semelhança do Divino Mestre, que «passou fazendo bem e sarando a todos» 13, e obedecendo ao seu mandato: «curai os enfermos» 14, «ensinaí a todas as gentes», 15, o Missionário abre os lábios para falar com sabedoria e doutrina do Reino de Deus, e estende as mãos, convenientemente preparadas e movidas da caridade cristã, para aliviar os corpos das doenças e das misérias, que os afligem: com os corpos aliviará juntamente as almas. Saiba ele elevar também as inteligências de tantos pobres escravos de superstições aviltantes e imersos «nas sombras da morte» 16; com a instrução abrirá naquelas inteligências entenebrecidas a entrada à luz do evangelho.

De facto ao lado da Casa de Deus, a Igreja, ensinada pelo Espírito Santo, levantou em toda a parte, mas sobretudo em terras de Missão orfanotrófios, hospitais e escolas.

Ora quem há-de ser o «sábio arquitecto» destas santas obras, senão o Missionário? E como o poderá ser sem a necessária preparação?

Idênticas recomendações fazemos a quantos trabalham na formação daquele exército silencioso, mas laboriosamente benéfico, auxílio quasi indispensável das Missões, que são as Irmãs Missionárias.

Sabemos como em Portugal, por mercê de Deus, se vão multiplicando as Congregações Religiosas femininas. Cuide-se nelas diligentemente o recrutamento e a educação das vocações missionárias, de modo que as Irmãs, prontas a partir para terras de infieis, sejam cada vez mais bem preparadas a exercer proficientemente os officios de mestras, enfermeiras, catequistas, numa palavra, todos os misteres particulares de que consta o Apostolado missionário.

Considerem bem todos aquêles a quem compete esta obrigação, que tanto maiores frutos poderão colher as Irmãs missionárias, quanto mais adequada e completa for a sua formação, e não só a religiosa, mas a intelectual.

E praza a Deus que com as Irmãs

Missionárias vejamos em breve colaborar muitas e zelosas Irmãs indígenas!

Não vos esqueçamos, Dilectísimos Filhos, a vós que já obedecestes à ordem do Divino Mestre: «faz-te ao largo» 17. A vós, que já vos encontráreis no alto mar, lutando e afadigando-vos por dilatar o Reino de Deus, corre mais solícito o Nosso pensamento e mais cordial se dirige a Nossa saúdação e exortação.

E depois de vos incutir novos alentos, rogamos e esconjuramos a todos e a cada um em particular, com as palavras do Apóstolo das gentes: «Esforça-te por mostrar-te, no serviço de Deus, operário digno e irrepreensível» 18. Sede exemplo aos fiéis nas palavras, no comportamento, na caridade, na fé, na castidade» 19.

Com o mesmo S. Paulo, à exortação unimos o suggerimento dos meios necessários para a pôr em prática, resumindo-os todos no seguinte conselho: *Seclare pietatem*: dai-vos à piedade» 20.

Se a graça de Deus morar nos vossos corações, não deixará de difundir-se à volta de vós e sobre os vossos trabalhos, pois que esta é a lei do Reino de Deus: «O Reino de Deus é semelhante ao fermento, que uma dona de casa tomou e escondeu em três medidas de farinha até que levedou toda a massa» 21.

A história das vossas Missões atea eloquentemente a verdade desta lei divina. Ao passo que as chamadas Missões leigas, que deviam substituir as Missões católicas, foram sempre infrutíferas, que imensos bens, não só espirituais, senão também — por natural consequência — temporais, a vantagem e prestígio de Portugal, operaram um S. Francisco Xavier e um B. João de Brito! Imitai-os!

A 15 de março deste ano completou-se o quarto centenário da divina vocação de Xavier para as Missões da Índia portuguesa. Esta vocação divina foi-lhe manifestada pela carta que D. João III, rei de Portugal, escreveu ao seu embaixador em Roma, encarregando-o de procurar sábios e virtuosos Missionários para as Índias.

Quão bem recompensou Xavier a Portugal o valiosíssimo auxilio prestado à vocação divina do Santo Protector das Missões! Certamente que não teria podido fazer mais em serviço de Portugal, se fôsse português de nascimento. Tal é a eficácia benéfica da santidade. Nela está o segredo do feliz resultado da vossa missão.

Seja pois o vosso programa missionário entre os infieis o do Divino Mestre: «Santifico-me a mim próprio, para que eles sejam santificados» 22, que foi também o programa de S. Francisco Xavier, do B. João de Brito e de toda a gloriosa coorte dos santos Missionários portugueses, que tão bem mereceram da religião e da pátria.

Enfim uma palavra ao generoso e querido Povo português.

Cristo Nosso Senhor, aos que já gozam dos incomparáveis benefícios da Redenção confiou-lhes o encargo de os repartirem com os Irmãos, que ainda deles carecem. Nas vossas magníficas Colónias tendes milhões de irmãos, cuja evangelização vos está confiada de modo particular.

Por isso Nós vos convidamos a todos para uma santa Cruzada em favor das vossas Missões.

Como os vossos gloriosos antepassados, de cujas festas celebrais este ano a memória, se cerravam em torno dos Capitães e Cavaleiros, que agitavam a bandeira cruzada, ou quando os não podiam seguir, os acompanhavam com suas orações, com sua solidariedade, e com o auxilio financeiro, assim vós também timbrái em dar vossos filhos, vossas orações, vosso óbolo generoso às Missões.

Parte privilegiada nesta nobre cruzada compete aos que militam na Acção Católica.

Deus abençoará esta vossa santa

## Palavras mansas

# PATRIARCA DAS ÍNDIAS

D. Teotónio Manuel Ribeiro Vieira de Castro, que foi aluno do Almo Colégio Caprânica, doutorou-se em teologia na Universidade Gregoriana. O tema da primeira oração de sapiência, que proferiu no Seminário do Pôrto, foi «o Papado, na doutrina e na história». Superior das missões ultramarinas, por deliberação de Pio XI foi expressamente à Índia para facilitar a celebração dum convénio entre a Santa Sé e o governo português sobre o nosso padroado. Alquebrado já pela idade e pelos trabalhos pastorais, aceitou a promoção a Patriarca para obedecer ao Papa, que assim o queria com um interesse muito pessoal e muito afectuoso.

Arcebispo de Goa, Primás do Oriente, Patriarca das Índias Orientais. Honra sagrada e imperial, como agora se diz; mas honra que nele se sobrepõe a uma grande e comovedora imolação.

O grande orador da Irlanda, de palavra libertadora, sempre em guerra aberta com a intolerância protestante, impiedosa e fanática, disse no seu testamento: — o meu coração a Roma. D. Teotónio Vieira de Castro disse o mesmo nos passos mais decisivos e memorandos da vida, que são também um testamento, posto que despido de fórmulas notariaes. Para quem reza o seu Credo com fé, continuidade e coerência a última vontade, onde quer que ela se exprima, é a vontade de sempre. O meu coração a Roma.

A visita ad sacra limina foi a grande preocupação do Patriarca das Índias nos seus derradeiros dias. Ir a Roma dar conta de si e do seu rebanho ao Papa e ir também depois a Portugal dar conta do seu amor e da sua saúde... O berço em que nascera, lá tão longe, parecia-lhe ainda alumiado, docemente, pela estrêla da manhã. Há coisas dentro de nós que não envelhecem nunca...

Depois dos túmulos dos Apóstolos, os túmulos dos seus pais, na nossa terra. *Sacra limina*...

Os pobres, que o Patriarca socorria largamente, tentaram opôr-se à viagem com as suas lágrimas e as suas orações. Não era só pressentimento. Tinham a certeza de que ele não voltaria. Mas um dia o venerando Prelado partiu singelamente desse glorioso recanto da império, para cumprir até o fim o seu dever

Cruzada e a vossa cavalheirosa Nação. Nossa Senhora do Rosário da Fátima, a Senhora do Rosário que venceu em Lepanto, vos assistirá com seu potente patrocínio. S. Francisco Xavier, o Santo Padroeiro das Missões Católicas, português de adopção, o B. João de Brito e toda a ínclita falange dos santos Missionários portugueses será convosco.

Entretanto seja vos penhor das graças celestes e testemunho da Nossa paterna benevolência a Bênção Apostólica, que a vós, Amado Filho Nosso e Veneráveis Irmãos, e a todos e cada um dos vossos fiéis damos com toda a efusão do coração.

Dado em Roma, junto de S. Pedro, na festa de S. António, 13 de Junho do ano do Senhor 1940, segundo do Nosso Pontificado.

PIO PP. XII

- 1 Camões, *Lustadas*, I, 2.
- 2 Camões, *Lustadas*, VII.
- 3 Efes. III, 8.
- 4 Jo. IV, 35.
- 5 Luc. X, 2.
- 6 Zac. IX, 17.
- 7 Cf. A. A. S. 1926, pag. 71.
- 8 Ibidem.
- 9 A. A. S. 1926, pag. 70 a.
- 10 A. A. S. 1919, pag. 449.
- 11 Tim. III, 5.
- 12 I Cor. III, 10.
- 13 Actos X, 38.
- 14 Luc. X, 9.
- 15 Mat. XXVIII, 19.
- 16 Luc. I, 79.
- 17 Luc. V, 4.
- 18 II Tim. II, 15.
- 19 I Tim. IV, 12.
- 20 I Tim. VI, 11.
- 21 Cf. Mat. XIII, 36.
- 22 Jo. XVII, 15.

pastoral. Partiu muito triste dentre os seus, que amava tanto, mas confortado pela visão de Roma e de Portugal, que depois, pelo mar fora, se ia tornando cada vez mais doce e mais atraente...

Quando chegou a Nápoles, celebrou missa de acção de graças a bordo, no silêncio, na frescura e na paz, da madrugada. Em Roma, ainda pôde tomar parte num almôço diplomático com os delegados portugueses incumbidos de assinarem a concordata.

Desnecessário dizer que a sua presença venerável devia ser por todos vivamente apreciada. Muito depauperado e muito encanecido, austero e bom, grave e simples, com o ar um tanto ou quanto dormente dos padres que trabalham dezenas de anos no ambiente abrasado e sufocante da Índia. Portugal no Oriente... Acometido logo depois por uma doença grave, que encontrou na idade e no clima complicações mais que perigosas, faleceu, a curto prazo, confortado com todos os sacramentos. Morreu no Senhor e na saúda-de da terra onde nascera.

Os seus restos mortais, tão veneráveis, integraram-se naquele nosso património, distante mas precioso, que Mons. José de Castro chama — Portugal em Roma.

D. Teotónio Vieira de Castro foi vice-reitor do Seminário do Pôrto, com uma dedicação extrema e um zelo esclarecido, equilibrado e prudente. Ninguém em toda a casa mais inteiramente submetido ao espírito e à letra do estatuto, que era preciso exemplificar dia a dia. Identificado com o pensamento do cardinal Dom Américo, vivia para o Seminário, que era duma importância vital para a recriação da diocese.

Para incitar os alunos ao cumprimento do dever, por mais árduo que este fosse, apontava-lhes a vontade de Deus, que deve estar sempre na base de toda a formação sacerdotal. É preciso ser humildemente fiel à voz do alto que chama...

Figura fina e grave de superior dum grande Seminário. O do Pôrto ganhou com o seu governo, nome e crédito que nenhum outro ultrapassou e venceu.

A irmã Maria do Divino Coração, de quem foi director de consciência, fala por ela e por ele. Homem de Deus, andou pelas cumiadas da vida espiritual sem alucinações nem vertigens.

Subiu ao episcopado, como disse alguém, pela mão já fria e morta do cardinal Dom Américo...

Quando partiu para Meliapor, houve quem dissesse ao Dr. Coelho da Silva, então vigário geral da diocese do Pôrto: — o sr. D. Teotónio voltará em breve a Portugal. Na primeira vaga que se abrir no continente, far-se-á com certeza a sua trasladação. Vale tanto!

— Não creia nisso. D. Teotónio vai para ficar. A trasladação não se fará sem ser pedida, e ele é incapaz de a pedir a ninguém.

Foram condiscípulos. Conheciam-se profundamente. Conheciam-se e estimavam-se, o que nem sempre acontece.

Esperava-o ansiosamente, como quem espera uma pessoa de família muito querida e venerada, mas essa esperança malograra-se súbitamente... A morte do sr. D. Teotónio fez-me pensar dolorosamente na morte da minha mãe, nem sei bem dizer porquê...

Como tive presente o meu antigo vice-reitor na missa com que sufraguei a sua alma! E como senti que nenhum outro padre exerceu na minha vida moral uma influência mais profunda, salutar e duradoura!

Para o sr. Dom Teotónio todos os louvores são afinal mesquinhos e apagados. Perto de quarenta anos de residência na Índia, em serviço do Padroado, documentam comovedoramente o seu amor à Igreja e a Portugal.

Correia Pinto